

# Web Summit Lisboa

Vitor Cavalcanti dez/24



Pessoas, IA, Impacto

# Análise

## Tecnologia e sociedade juntas

Cada vez mais as pautas ditas de ciências humanas ganham espaço em eventos de tecnologia. Parece haver um entendimento (finalmente) de que as discussões precisam andar juntas, seja pelo impacto, sejam pelas possibilidades e oportunidades das interações.

Na edição de 2024, o Web Summit Lisboa trouxe um bom cardápio de discussões que passam pela IA da maneira mais tech possível, passando pelo impacto em educação, desinformação e chega, também, ao Médico Sem Fronteiras, que trabalha no fronte, muitas vezes sem contar com eletricidade, nos trazendo o quão desigual ainda é o acesso e o como fechar os olhos para isso pode ampliar os abismos. A digitalização dos negócios aliada à uma visão de sustentabilidade também teve espaço, assim como conversas que traziam mudanças climáticas e outros desafios da sociedade para o holofote.

Em marketing, além do ferramental e da IA como estrela nas mais diversas atividades, discussões sobre microculturas e como elas podem causar pequenas revoluções no varejo, nos lembram da importância da antropologia em nossas vidas e como essa ciência nos ajuda a nos entendermos como pessoas e como sociedade.

Também me chamou atenção a quantidade de startups e a variedade de discussões sobre futuro do trabalho, competências futuras, papel do RH e o impacto de IA no RH e em todos os processos da vida profissional. Por esse mix de coisas que presenciei, seja assistindo a dezenas de conteúdos ou conversando com pessoas de diversas nacionalidades, resolvi intitular esse report de Pessoas, IA e Impacto. Esse era meu olhar inicial e acabou sendo algo maior do que eu esperava em torno desses tópicos, à exceção de IA que tem dominado todo e qualquer evento de tecnologia.

Obviamente, em um evento com mais de 70 mil pessoas e centenas de conteúdo, muitas outras pautas estiveram em discussão, sobretudo, nas conexões que o ambiente proporciona. Acessei conteúdos sobre computação quântica em saúde, vi a discussão sobre sustentabilidade estratégica da IKEA, conversei com empreendedores estrangeiros, como os italianos da Joinrs, uma plataforma de recrutamento focada em carreiras iniciais, afora conteúdos de brasileiros como Roberto Oliveira, da Blip, e do Fred Gelli, da Tátil Design. Apenas para citar coisas que vi e que não estão nesse resumo, por uma questão do foco que quis imprimir na minha ida ao evento.

Aproveite os insights!

**Pessoas, pessoas, pessoas**

# Robôs entre nós

Que a robótica está cada vez mais avançada todos sabemos. Mas ainda assusta ver um humanoide desempenhando funções. E para Peggy Johnson, CEO da Agility Robotics, que produz esse da foto ao lado, estamos na iminência de ter um desses aí em nossas casas cuidando de afazeres domésticos.

1 - A empresa foca em humanoides que cuidam de funções que os humanos já não querem, como carregar peso e limpeza;

2 - A parte mais complexa de replicar do humano tem sido a lógica da inteligência física.

Vantagens: opera em longas jornadas sem cansar e o uso de LLM já permite interação e entendimento de comandos avançados.

Desafio: durabilidade da bateria, confiança das pessoas e testes de segurança em ambientes de circulação de pessoas. Atualmente esses modelos estão mais em fábricas e depósitos de logística.

“Atualmente temos 1 milhão de vagas abertas nos EUA para posições que as pessoas não querem e, para esses casos, um robô poderia ser a solução”, pontuou Peggy.





“Queremos deixar as coisas mais fáceis de forma que as pessoas possam focar em outras atividades. Já avançamos muito na inteligência semântica de modo que ele (o humanóide) poderá desempenhar uma função pela manhã e outra pela noite”

Peggy Johnson, CEO da Agility Robotics

# Um novo RH?

## Confiança e transparência

"O grande dilema é o impacto nos trabalhos. Quais trabalhos vão sobrar? Isso causa medo". A frase é da COO da Asana, Anne Raimondi, ao falar sobre confiança e transparência em meio a automação trazida por IA. "Se observarmos o quão rápido IA está mudando, ninguém tem resposta sobre o real impacto ou mesmo a medida certa de implantação, mas sabemos que pode ter impacto na confiança.

É preciso transparência com os funcionários sobre o uso de IA até para que as pessoas entendam o que será feito e os possíveis impactos iniciais no negócio e nas funções". O RH deve acompanhar de perto esses projetos e, de alguma forma, tentar empoderar os funcionários ao mostrar como o trabalho pode e será transformado por IA, o que pode ser automatizado e dar a chance de eles participarem do processo, inclusive decidirem por seguir ou não na atividade atual.



“Enxergamos 5 estágios de adoção: o ceticismo é o primeiro; o segundo é ativação, identificar problemas de negócio; o terceiro é a experimentação; quarto escalar; o quinto é a implatação de forma mais intensa e gerando benefícios ao negócio. Recomendamos um conselho de IA para discutir o como e a forma de implantação”

Anne Raimondi, COO da Asana

# Um novo RH?

## Olhar a empresa como rede e não organograma

Eric Mosley, CEO da Workhuman, apresentou uma série de reflexões sobre IA no RH, além de pontos que servem a qualquer liderança, como olhar a empresa como uma teia, uma rede de interações e não apenas como um organograma tradicional. “O trabalho já acontece como uma teia de conexões, são milhares de interações que geram troca de conhecimento, reconhecimento e até gratidão”, comentou.

Especificamente sobre a liderança de RH, ele lembrou da necessidade de se entender o contexto, organizar os dados e aplicar IA para melhor compreender a realidade da empresa e agir proativamente para dar sugestões e/ou tomar decisões.





“Com os dados certos e IA treinada, é possível análise sentimental, inclusive dos feedbacks, colocando etiquetas nas mensagens que podem ser atribuídas a uma pessoa. Essa codificação pode ser a base para promoções mais justas ou mesmo para um programa de mentoria mais eficaz”

Eric Mosley, CEO da Workhuman

# Gerações e dilemas

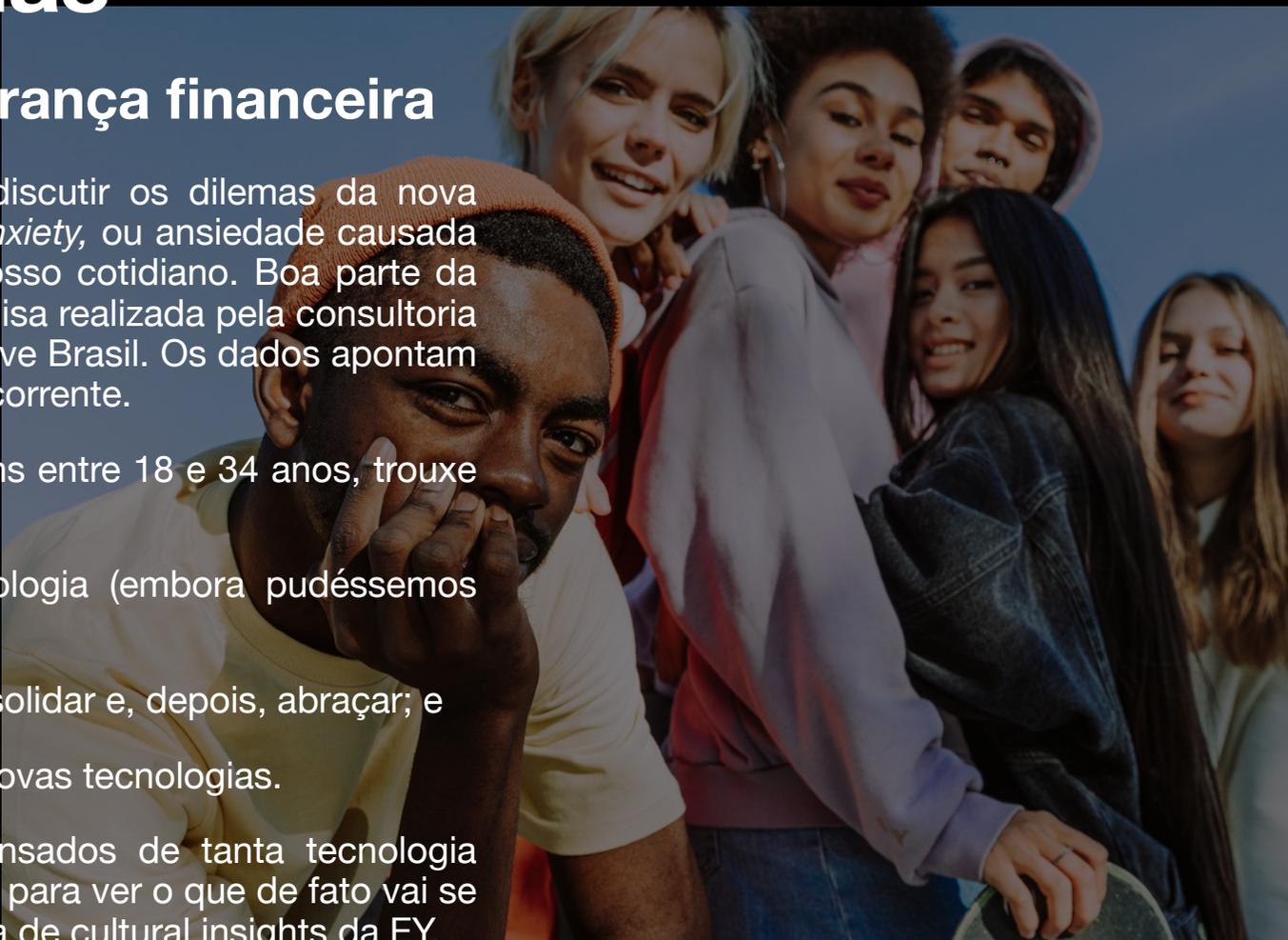
## Jovens demonstram insegurança financeira

Duas executivas da EY se propuseram a discutir os dilemas da nova geração e também o que chamaram de *AI anxiety*, ou ansiedade causada pela presença da inteligência artificial em nosso cotidiano. Boa parte da discussão levou em consideração uma pesquisa realizada pela consultoria com 10 mil jovens em diversos países, inclusive Brasil. Os dados apontam que 35% da geração Z enxerga IA como concorrente.

Mas afora o medo, o estudo, que ouviu jovens entre 18 e 34 anos, trouxe achados curiosos como:

- 45% deles estão empolgados com tecnologia (embora pudéssemos imaginar um percentual maior);
- 36% esperam para ver qual tech vai se consolidar e, depois, abraçar; e
- 9% preferem se manter à margem e evitar novas tecnologias.

“Esses 36% podem, na verdade, estar cansados de tanta tecnologia disponível, o tempo todo. Com isso, esperam para ver o que de fato vai se consolidar”, avaliou Marcie Merriman, Diretora de cultural insights da EY.



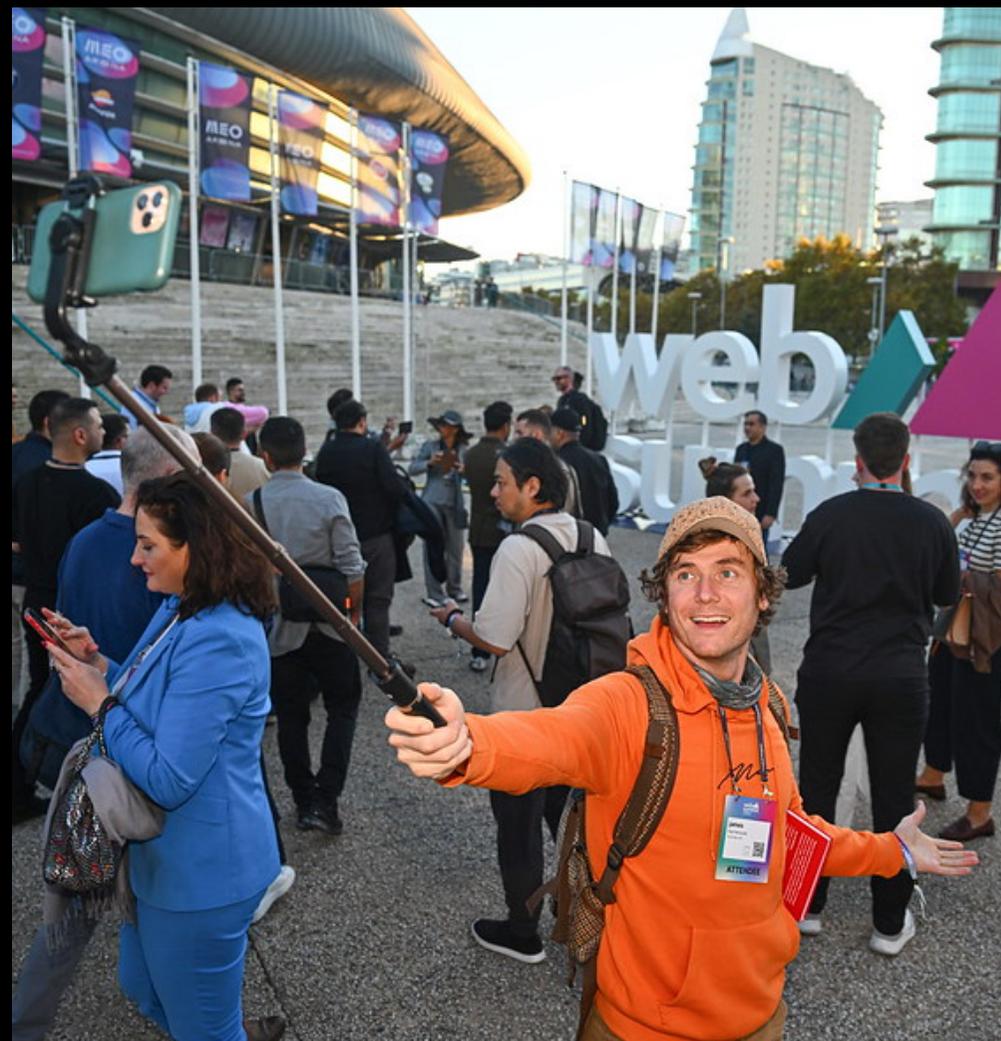
# Gerações e dilemas

Outros pontos que chamam a atenção estão ligados às inseguranças e aos desejos sobre o mundo do trabalho. Sabe aquela história de que essa geração é só na base do propósito? Já não é bem assim:

- 37% querem ganhar muito dinheiro;
- 34% priorizam estabilidade e segurança;
- 33% buscam balanceamento entre vida pessoal e profissional.

Impacto positivo no mundo, um trabalho que goste e um emprego menos estressante também integram a lista.

“O medo e a insegurança financeira das pessoas mais jovens me impressionaram muito. O desejo de ganhar bastante dinheiro no trabalho aumentou nos últimos anos e pode estar ligado ao avanço do custo de vida, por exemplo”, completou Merriman.





“Nos últimos 30 anos tivemos mais mudanças que em qualquer outro momento da história. No caso atual, os millenials estão surfando e, o restante, está em adaptação contínua”

Marcie Merriman, Diretora de Cultural Insights na EY

“Enquanto parte da geração Z parece estar cansada de tanta tecnologia, as pessoas da X tentam mostrar empolgação por necessidade, pese o risco que entendam existir para sua atividade profissional”

Traci Gusher, Sócia para IA e Dados na EY



**Tecnologia que impacta**

# Tech e sustentabilidade

## Combinação necessária

Professor do IMD, Michael Wade, trouxe uma masterclass bastante provocativa para o Web Summit, ao discutir transformação digital e sustentabilidade. Mostrou como é possível aliar os dois temas, mas também o quanto ainda é preciso ampliar a consciência em torno da importância da sustentabilidade, ainda pouco valorizada por investidores.

“Normalmente, times de digital, IA e sustentabilidade não trabalham juntos e isso precisa mudar”, pontuou Wade. “IA e Digital têm impacto positivo ou negativo no meio ambiente? Se não fizermos nada, o cenário é negativo. Entendo que o cenário pode se inverter, mas nada acontecerá automaticamente”, completou.

Dados do Fórum Econômico Mundial apontam potencial de redução de consumo de energia em 20% com ações corretas. Economia circular aplicada aos equipamentos contribuiriam para o uso ampliado de smartphones, por exemplo, evitando a troca a cada 1 ou 2 anos.





“Se for apenas pelo olhar do investidor, se aposta tudo no digital. Grande parte da discussão está no econômico, o que é bom, mas precisamos adicionar sustentabilidade. O setor de TIC precisa agir para mudar essa situação”

Michael Wade, Professor do IMD

# Tech e sustentabilidade

## Corrida pela liderança: onde sua empresa está?

Ao explicar o gráfico ao lado e posicionar grandes empresas nos quadrantes, Michael Wade afirmou que estar no quadrante de líderes adiciona até 17% ao valor da empresa. O que parece bom, na realidade, esconde uma predileção pelo digital.

Empresas que estão no quadrante Reis do Digital adicionam 14%, ou seja, “pelo olhar do investidor, se aposta tudo no digital”, explica. No quadrante dos atrasados, a empresa chega a perder 18% do seu valor.

Exemplos de líderes: Microsoft (bom trabalho em tech e muitos projetos em sustentabilidade), Boston Scientific e Cisco que, na análise, migrou do Rei do Digital para o de Líderes.

\*tabela traduzida livremente, apenas para ilustração



# Sem o básico

## Um apelo à consciência



“Trabalhamos com aquilo que é negligenciado, como ebola, tuberculose, conflitos. Quando penso em saúde e na qualidade do atendimento oferecido, temos tecnologias para melhorar tudo isso. Usamos IA, por exemplo, para entender uma epidemia de malária”, comenta Javid Abdelmoneim, líder do time de médicos do Médicos Sem Fronteiras (MSF), ao falar sobre tecnologia e tragédias.

A fala dele, no entanto, pede uma reflexão. Já que ao mesmo tempo que existe o entendimento de como tech pode apoiar, ele lembra que na maioria das vezes opera em lugares sem eletricidade ou acesso à internet, localidades onde o básico falta. Além disso, existem locais que bloqueiam acesso à tecnologia, mesmo sinal de satélite. Assim, democratizar o uso com mais possibilidades offline permitiria alterar a realidade nesses campos.

Abdelmoneim entende ainda que fora dessas zonas extremas, o MSF tem muito espaço para uso de tecnologia como em logística, armazéns de medicamentos, tornando tudo mais inteligente.

# Desinformação

## Tecnologia como aliada

Que a desinformação é um problema global não é novidade para ninguém. Mas o que cada um de nós tem feito para coibir a prática e mais, como empresas de mídia usam a tecnologia (que facilita geração e disseminação de conteúdo falso) para combater fake news?

A prática foi discutida pelo presidente da Reuters, Paul Bascobert. O executivo ressaltou a responsabilidade de liderar uma empresa de mídia e da importância que precisa ser dada à qualidade do que é produzido. Sobre tecnologia, eles utilizam, por exemplo, machine learning para validação de informação, trata-se de um processo que envolve análise de dados pela máquina combinada à checagem humana.

“Também usamos software para detectar manipulação em fotos e vídeos (com parâmetros como arquitetura e ângulo do sol). Mas não tem mágica, com IA chegando ao consumidor final, temos de ter cuidado com aquilo que é criado apenas por IA e entender se existe fonte confiável na base.”



“Precisamos trabalhar para que a desinformação não destrua o processo de produção de informação e conhecimento”

Paul Bascobert, CEO da Reuters

**Talentos brasileiros**

# Bitlearns

## Criação de aulas facilitadas

Como será educação com IA? Esse foi o ponto de partida para criação da Bitlearns, uma plataforma que facilita a vida do educador na criação de cursos e entrega ao aluno uma experiência de aula digital mais familiar e similar ao que se vê em uma rede social. O objetivo é usar toda informação disponível para servir de formação, educar pessoas com uso de IA. Fácil de usar para os dois lados, a ferramenta impressiona pelo design clean, pela facilidade de manusear e pelo potencial de criar conteúdos complementares ao currículo explorado em sala ou mesmo para treinar para provas e simulados. Eles ainda estão no início da jornada, mas com cases de teste interessantes e ideias para explorar, inclusive, o segmento corporativo.

Site: [www.bitlearns.com](http://www.bitlearns.com)

# Kipon

## Gestão de talentos tech

Gerir talentos tem sido um desafio. Quando se fala em tecnologia, o tema parece ser ainda mais complexo. É nesse nicho que a Kipon atua: ser a plataforma de gestão de talentos para o líder de tecnologia. Assim, o próprio CIO ou CTO pode fazer a gestão da sua equipe, criar programas de mentoria, entender melhor as competências existentes no time e, com isso, decidir sobre promoções, desenvolvimento, entre outros. Toda a gestão é baseada em habilidades e, logo no início, o colaborador faz uma espécie de assessment para determinar suas competências. Tem ajuda da IA nisso, de forma que a ferramenta sugere skills relacionadas que a pessoa pode adicionar. Bastante intuitivo, bom visual. Demanda engajamento da equipe.

Site: [www.kipon.io](http://www.kipon.io)

# SIB Impact

## ODS em sua estratégia

Imagine um jogo para cocriar soluções que atendem aos principais objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU. Isso já existe e foi criado pela SIB Impact. A grande vantagem que a plataforma quer oferecer é inserir de fato o tema ODS na estratégia de uma empresa ou em uma entidade governamental. Tudo isso a partir de uma plataforma que simula ambientes e desafios e, a partir de determinado cenário, inicia-se a elaboração de uma solução que possa resolver o problema. Em um cenário onde há dificuldade de inserção de sustentabilidade nas estratégias corporativas, uma plataforma assim pode ser uma boa alternativa.

Site: [www.sibimpact.com](http://www.sibimpact.com)

# Videohub

## Adicione dinamismo à aula

Sabe aquele conteúdo de vídeo que você criou para distribuir em forma de aula? Ele pode, de maneira muito simples, ganhar novos formatos e agregar muito à experiência de quem assistirá sua aula. Essa é a proposta da Videohub, que utiliza inteligência artificial para, a partir da videoaula, criar quizzes, mapa mental e até gerar um e-book que pode ser editado posteriormente. Eles querem transformar experiências de aula em algo mais ativo para quem está do outro lado. A plataforma também hospeda o vídeo e pode facilmente ser embarcada em um LMS de mercado.

Site: [ai.videohub.com.br](http://ai.videohub.com.br)

**Obrigado!**

Vitor Cavalcanti  
vitor@coletivo.tech

